



# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DA EJA NO MUNICÍPIO DE TOMÉ-AÇU/PA

**Renilson da Silva Maia (UFRA)**  
**Carlene Ferreira Nunes Salvador (UFRA)**  
**Larissa Medeiro de Lima (UFRA)**

<sup>1</sup> Especialista em Linguagem, Cultura e Formação Docente pela Universidade Federal Rural da Amazônia, campus de Tomé-Açu/PA.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, campus de Tomé-Açu/PA.

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural da Amazônia, campus de Tomé-Açu/PA.

**RESUMO:** O objetivo deste estudo consiste em analisar a variação linguística presente em textos de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Tomé-Açu/PA, com o intuito de refletir sobre o posicionamento dos professores em relação ao processo de ensino-aprendizagem, em especial, o ensino de língua portuguesa. Para tanto, o aporte teórico adotado baseia-se em Labov (2008 [1972]) acerca dos pressupostos da teoria variacionista e Bagno (2001; 2003). No que tange ao tratamento e ensino na EJA, Soares (2003) e Gadotti e Romão (2008). Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo de caso conforme indicam Lakatos e Marconi (2011) em que os dados foram obtidos a partir da aplicação de questionário para seis professores da EJA no município de Tomé-Açu/PA, assim como a análise de trechos de textos dos alunos EJA em que se observam marcas de variação linguística. Os resultados apontam fenômenos, tais como: o alteamento das vogais /o/ e /u/ em coda silábica, pouco > poucu, bonito > bonitu e cabelo > cabelu; apócope do /r/ final como em trabalhar > trabalha, morar > mora e apagamento do s no dígrafo nascimento > nacimiento. A análise indica que marcas da oralidade estão presentes nos textos escritos dos alunos e os professores consideram que tais manifestações implicam na disseminação do preconceito linguístico e as práticas de ensino adotadas ainda são, em sua maioria, de cunho tradicional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística; EJA, Tomé-Açu.

**ABSTRACT:** The objective of this study is to analyze the linguistic variation present in texts by Youth and Adult Education (EJA) students in the city of Tomé-Açu/PA, to reflect on the position of teachers in relation to the teaching-learning process. Learning, in particular the teaching of the mother tongue. To this end, the theoretical framework adopted is based on Labov (2008 [1972]) on the assumptions of variationist theory and Bagno (2001; 2003). Regarding treatment and teaching in EJA, Soares (2003) and Gadotti and Romão (2008). From a methodological point of view, it is a case study as indicated by Lakatos and Marconi (2011) in which the data were obtained from the application of a questionnaire to six EJA teachers in the municipality of Tomé-Açu/PA, as well as the analysis of excerpts from texts by EJA students in which marks of linguistic variation are observed. The results point to phenomena such as: the heightening of the vowels /o/ and /u/ in syllabic coda, pouco > poucu, bonito > bonitu and cabelo > cabelu; apocope of the final /r/ as in trabalhar > trabalha, morar > mora and deletion of the s in the digraph nascimento > nacimiento. The analysis indicates that marks of orality are present in the written texts of the students and the teachers consider that such manifestations imply the dissemination of linguistic prejudice and the teaching practices adopted are still, for the most part, of a traditional nature.

**KEYWORDS:** Linguistic variation; EJA; Tomé-Açu.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As modalidades de ensino no Brasil compreendem ao menos três etapas principais: a educação infantil, o ensino fundamental e os três anos de ensino médio. Ao final desse período de escolarização, espera-se que os alunos consigam produzir textos orais e escritos que sirvam a seus propósitos comunicativos e discursivos cotidianos. No entanto, o que se percebe é que uma boa parcela da classe estudantil não consegue completar o ciclo básico de educação em seu tempo regular. Nesse contexto, as políticas educacionais propõem programas de aceleração da aprendizagem que visam proporcionar a jovens e adultos a possibilidade de terminar os estudos desse nível.

Em Tomé-Açu, localidade paraense, a realidade dos estudantes não é diferente. De acordo com os dados do último Censo Escolar (INEP, 2021), ao menos dois mil estudantes cursam a Educação de Jovens e Adultos – EJA em escolas do município. Esse quantitativo está dividido entre seis escolas localizadas nas zonas rural e urbana.

Assim como ocorre em outras instâncias discursivas, no que tange aos alunos da EJA, percebe-se que a linguagem utilizada por eles pode se tornar alvo de críticas e preconceito linguístico, ocorrendo inclusive dentro do próprio ambiente escolar. Para tentar compreender como se dá o processo que evidencia o preconceito, essa pesquisa busca identificar como os alunos da EJA exprimem a variação linguística em seus textos orais e escritos, assim como verificar a reação dos professores face às produções escritas realizadas por alunos dessa modalidade de ensino.

Para conseguir analisar esse fenômeno, foram traçados passos metodológicos que incluem a pesquisa bibliográfica a respeito da temática, aplicação de questionário a professores lotados em escolas de Tomé-Açu/PA e a seleção de textos produzidos por alunos que estão matriculados nessa modalidade escolar.

Diante do exposto, este estudo visa analisar a variação linguística presente em textos de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Tomé-Açu/PA, com o intuito de

refletir sobre o posicionamento dos professores em relação ao processo de ensino-aprendizagem, em especial, o ensino de língua portuguesa.

Para fins de organização, este artigo apresenta as seguintes seções: na Introdução, uma breve apresentação das características do trabalho. Na segunda seção, apresentamos tópicos acerca da variação linguística e sua relação com o ensino. Na seção 2 são apresentados alguns dos fenômenos linguísticos mais produtivos em termos de metaplasmos. Na seção 3, um breve apanhado sobre a educação de jovens e adultos. Na seção 4, descrevemos os passos metodológicos da pesquisa. Na seção 5 são apresentados os resultados e a discussão dos dados. As considerações finais e a listagem das referências encerram o texto.

## 1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO

As línguas naturais estão sujeitas a pressões que são tanto de ordem intra quanto extralinguística. Situado no âmbito dos estudos sociolinguísticos, este trabalho busca investigar como as marcas da oralidade se manifestam nos textos de alunos da EJA no município de Tomé-Açu/PA, para em seguida avaliar o posicionamento assumido pelos professores desses alunos em relação ao preconceito linguístico que implica no estigma social dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Em meados da década de 1960, o linguista norte-americano William Labov apresenta a base dos pressupostos sociolinguísticos. Esse autor introduziu em sua teoria a preocupação em verificar como os fatores sociais interferem no andamento das línguas. Além de observar como as línguas sofrem pressões de ordem interna, passaram a ser considerados também os fatores externos que implicam na variação e na mudança linguística. Tais preocupações passaram, assim, a integrar as discussões sobre a diversidade linguística.

No que tange à Sociolinguística, trata-se de um ramo da linguística que visa analisar as relações existentes entre língua e sociedade. Instituída a partir dos trabalhos de Herzog, Weinreich e Labov (1968), esta corrente se ocupa da descrição e análise de fatores relacionados às diferentes comunidades

linguísticas.

Quanto ao objeto da sociolinguística, Labov (2008) ressalta que a diversidade constitui o elemento central das investigações dessa natureza, uma vez que são levados em consideração os contextos sociais de produção e as comunidades que compartilham o conjunto de regras.

Coseriu (1980) apresenta sua divisão binária de comunidade linguística. Para o autor, uma comunidade de língua constitui um conjunto abrangente que agrega subconjuntos de uma mesma língua, enquanto comunidade de fala, se refere ao agrupamento de pessoas que compartilham regras que circulam em uma comunidade pré-determinada. Nesse sentido, a comunidade de alunos da EJA de Tomé-Açu apresenta em sua constituição características que particularizam a linguagem ali utilizada.

Tendo em vista a comunidade de fala dos alunos da EJA, modalidade escolar que agrupa alunos que apresentam disparidade no fator idade-série/ano, observa-se que variáveis sociais como sexo, faixa etária, situação econômica influenciam no desempenho desses alunos em relação à modalidade escrita. Uma prova disso reside no fato de que alguns dos textos produzidos por alunos desse nível de estudo apresentam desvios ortográficos que são mais comumente observados em textos de crianças que estão no período inicial de escolarização.

Desta forma, a partir das amostras coletadas, as quais serão mais bem explicadas na seção metodológica, busca-se identificar fenômenos linguísticos que são inicialmente foco da sociolinguística variacionista, mas que em razão da abordagem definida para este trabalho se tornam objeto de outro ramo da sociolinguística, a educacional.

Bortoni-Ricardo (2004; 2005) explica que a variação linguística se manifesta em um *continuum* que engloba desde comunidades mais rurais até as comunidades urbanas. Nesse segundo grupo, estão, na maioria das vezes, indivíduos que se deslocam em situação de êxodo e que ao completarem o curso do deslocamento experienciam o contato linguístico. Essa mesma autora apresenta ainda o *continuum*

relacionando a oralidade e o processo de letramento. Especialmente esse último par, interessa aos propósitos desta investigação, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa ainda apresenta índices desfavoráveis no contexto geral da educação brasileira.

Acerca do ensino de língua portuguesa e da relação de aceitação da variação linguística, Travaglia (1998) salienta a importância de o professor assumir uma concepção de linguagem que valorize os conhecimentos prévios e a variedade linguística dos estudantes, já que de acordo com a concepção assumida pelo professor, pode haver uma alteração de sua prática no que tange ao entendimento da língua, e altera a forma como esse profissional estrutura as suas aulas ou promove a oportunidade de participação efetiva do alunado.

A concepção assumida pelo professor vai direcionar a forma como esse educador recebe as produções de seus alunos, sejam elas orais ou escritas. No que tange às produções escritas, Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2016) chamam a atenção para o grau de formalidade expresso em produções textuais dos alunos, nos quais se percebe a variação linguística. Cabendo ao professor, analisar o nível de formalidade de acordo com a temática solicitada, o contexto de produção, os propósitos do texto e o público-alvo. A recomendação dos autores visa amenizar o juízo de valor dos professores em relação ao produto entregue pelos alunos, pois a forma como ocorre a devolutiva dessas produções também pode favorecer o preconceito linguístico.

A próxima seção apresenta alguns dos fenômenos linguísticos conforme a variação que apresentam.

## 2 FENÔMENOS LINGUÍSTICOS

Por conta da dinamicidade, o sistema de uma língua está sujeito a variação. Os fatores que favorecem a variação podem ser tanto de ordem interna quanto externa. Quando analisados do ponto de vista interno, observamos que as condições fonéticas apresentam relativa contribuição, já que elas são facilmente observáveis.

No continuum sugerido por Bortoni-Ricardo (2005), a qual descreve os fatores de oralidade-

letramento, levanta-se a questão de como os metaplasmos, fenômenos tipicamente relacionados a oralidade, mostram-se produtivos em textos escritos. De acordo com Coutinho (1974), os metaplasmos são

modificações fonéticas que as palavras sofreram durante a sua evolução, do Latim para o Português; e essas alterações, são apenas fonéticas, conservando, as palavras, a mesma significação. (COUTINHO, 1974, p. 142).

Com base no excerto, além de viabilizar mudanças de ordem fonética, os metaplasmos podem ocorrer a partir de quatro formas usuais: aumento, subtração, transposição e transformação.

#### a) Metaplasmos por aumento

De acordo com Coutinho (1974) e Bagno (2007) os metaplasmos por aumento acontecem a partir do acréscimo de um fonema a uma palavra já existente. Essa inserção implica na alteração da pronúncia da palavra que em momento posterior pode vir a constituir um dos metaplasmos. Conforme a posição da inserção do fonema em relação à sílaba, os metaplasmos por aumento recebem diferentes nomeações.

Assim, quando a inserção ocorre no início do vocábulo, tem-se a *prótese*, tal qual acontece no exemplo voar > avoar e nadar > anadar. Para os exemplos que ocorrem no meio da palavra, tem-se a *epêntese*, como pode ser visto em: beneficente > beneficiante, bandeja > bandeija, dentre outros. Quando a inserção acontece para desfazer um encontro consonantal, ela é classificada como *anaptixe* (ou suarabácit), observa-se esse fenômeno nas palavras pneu > pineu e advogado > adevogado. Por fim, a *paragoge* (ou epítese) indica que um fonema foi adicionado ao final da palavra, como é possível perceber em: ante > antes e club > clube.

#### b) Metaplasmos por supressão

O segundo grupo diz respeito aos metaplasmos que acontecem por conta da supressão de algum fonema da base do vocábulo. Conforme a posição, recebem diferentes nomenclaturas, são elas: no início, aférese, por exemplo: enamorar > namorar, amore > more. Quando o fenômeno da supressão

ocorre no meio da palavra indica a síncope, como em: negra > nega, mesmo > memo. E quando a supressão atinge o final do vocábulo, apócope: rapaz > rapá, amar > ama.

No Brasil, é comum a ocorrência de apócope nas interações, sobretudo aquelas que indicam o infinitivo dos verbos, quando é quase imperceptível o som do [r] final.

#### c) Metaplasmos por transposição

O terceiro grupo é constituído pelo fenômeno da transposição. Nesse conjunto, estão as palavras que sofrem deslocamento de fonema em relação a sílaba. Dessa maneira, quando ocorre dentro da sílaba, chama-se metátese: pro > por, feria > feira. Hipérese quando o deslocamento ocorre de uma sílaba para outra: iogurte > iorgute, bicarbonato > bircarbonato. Além da sístole, quando há deslocamento do acento tônico: rubrica > rúbrica.

#### d) Metaplasmos por transformação

O quarto grupo inclui as palavras que variam de acordo com a transformação sofrida pelo fonema. São casos especiais que englobam boa parte dos fenômenos fonéticos. Nessa lista estão: a vocalização, isto é, a transformação de um fonema consonantal em um fonema vocálico (nocte > noite); sonorização, a mudança de um fonema surdo para um fonema sonoro (amicu > amigo); rotacismo, transformação de /l/ em /r/, como em (bicicleta > bicireta); o movimento contrário, o lambdacismo, a mudança de /r/ para /l/ (obrigado > oblligado); ditongação, uma vogal que se torna um ditongo (caranguejo > carangueijo); monotongação, quando um ditongo se torna uma vogal (doutor > dotor); palatalização, um fonema que passa a apresentar configuração palatal (salsicha > salchicha); nasalização, a transformação de um fonema oral em nasal (ignorante > ingnorante), além de outros fenômenos.

Como visto, a variação que ocorre em nível fonético pode implicar na fala dos indivíduos e de acordo com a comunidade em que estão inseridas, algumas formas tornam-se exemplos de variante estigmatizada, principalmente quando ocorrem no

âmbito escolar. Na lista dos falantes que sofrem preconceito linguístico, na maioria das vezes, estão as pessoas com baixa ou nenhuma escolaridade, os que são de classe econômica mais baixa, as pessoas mais idosas, as mulheres, os que moram na zona rural.

Na EJA, muitos alunos agregam mais de uma dessas características e passam a sofrer o estigma dentro do próprio ambiente escolar, o que não parece aceitável, uma vez que a escola tem como uma de suas missões propiciar a aquisição de novos saberes, até os de ordem linguística.

### 3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação básica brasileira é dividida em três grandes blocos, os quais incluem: a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Desde muito cedo, as crianças são expostas a experiências escolares que visam sobretudo a alfabetização e o letramento (SOARES, 2012), processo que só será efetivamente concluído ao final do ensino médio.

No entanto, mesmo que os órgãos responsáveis pela educação no país arrolem esforços para a qualidade do ensino, boa parte do alunado brasileiro ainda completa o ciclo da educação básica com problemas de leitura e escrita. Os fatores que levam a essa constatação são de ordem variada, o que inclui desde problemas em nível cognitivo até fatores sociais e políticas educacionais que não favorecem a equidade.

No que diz respeito a aspectos que implicam na não-efetividade do ensino, podemos citar a distorção idade-série/ano a que alguns estudantes estão suscetíveis a apresentar. Nesse sentido, a educação de jovens e adultos se mostra como um desafio a ser superado.

No Brasil, há uma variedade de modalidades de ensino que visam o atendimento das demandas dos estudantes nacionais conforme a natureza da especificidade. Nesse rol, podemos citar a educação indígena, a educação quilombola, os alunos privados de liberdade, o atendimento escolar hospitalar e a EJA.

No que diz respeito à EJA, apesar de o Plano Nacional de Educação de Adultos instituído em

agosto de 1945 destinar recursos para a regulamentação da oferta de ensino para esse público específico, data de 1947 a institucionalização em termos educacionais para essa categoria de estudantes (GADOTTI; MOURÃO, 2008). Em documento posterior, conforme a Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9394/1996 (BRASIL, 1996), os alunos que em idade escolar, ultrapassam a idade-limite para cursar o ensino fundamental e o ensino médio, assim como aqueles que por algum motivo abandonaram o ciclo escolar regular, podem dar continuidade aos estudos na modalidade EJA, desde que tenham 18 anos completos.

Agrupados por idade, jovens e adultos passam a frequentar turmas em um período letivo com carga horária e conteúdos adequados às necessidades desses estudantes. Os alunos da EJA são apresentados a conteúdos relacionados com a vida em sociedade e os desafios impostos pelas demandas cotidianas. Assim, independentemente dos anos iniciais de escolaridade, o aluno da EJA pode cursar todo o ciclo básico, dividido em etapas, de forma condensada, tanto no ensino fundamental quanto no médio.

Uma característica comum desse tipo de aluno é sofrer algum tipo de preconceito, sobretudo o de ordem linguística. Geralmente com problemas oriundos do processo inicial de escolarização, essa classe de estudante, na sua maioria, é composta por pessoas que trabalham durante o dia e frequentam a escola no período noturno em busca de qualificação e oportunidade de trabalho. No discurso desses alunos, é comum observar propriedades tipicamente orais que são transpostas ao texto escrito. Sobre isso, Marcuschi (2007) afirma que a fala e a escrita

[...] são representações históricas mais ou menos independentes, e a escrita não é uma representação da fala. O próprio desenvolvimento da escrita de cada língua segue uma linha de mudanças e adaptações que se distancia da pronúncia (MARCUSCHI, 2007, p. 58).

Embora o autor ofereça no excerto a distinção entre as duas modalidades, é possível perceber ao menos duas características relevantes nesse processo: a) a modalidade escrita goza de maior prestígio e é ela quem orienta as aulas de língua portuguesa e b) algumas pessoas fazem a transposição de fatores fonéticos para suas produções escritas.

Esse último fator em especial dá origem ao preconceito linguístico que observamos tão rotineiramente, não apenas no contexto escolar. Arelados a fatores não linguísticos, de ordem social, observa-se uma manifestação de fenômenos que em última instância favorecem a proliferação desse tipo de preconceito.

Desta forma, por mais que as estratégias dos professores sejam efetivas, nem sempre será possível minimizar as falas preconceituosas daqueles que não entendem os processos de variação e mudança presentes em qualquer língua natural.

Tendo em vista o público estudantil da EJA, procedemos à coleta de dados com o intuito de verificar o posicionamento dos professores desses alunos em meio às adversidades impostas pelo não uso da norma padrão. Na próxima seção, explicamos como se deu o processo de coleta de dados que serviu de base para a análise.

#### 4 METODOLOGIA

Os passos empreendidos para a realização deste trabalho incluem a etapa de pesquisa bibliográfica como salienta Gil (2017), a etapa de aplicação de questionário para dez professores que atuam na EJA no município de Tomé-Açu/PA, evidenciando a parte aplicada da investigação, a qual se enquadra no estudo de caso (ANDRÉ, 2008), além da recolha de textos escritos produzidos por alunos dos professores que responderam ao questionário.

A escolha do município de Tomé-Açu como sede para a pesquisa se deu em razão de o autor ser morador e atuar em escolas dessa localidade, o que supostamente facilitaria o cumprimento de cada etapa. Sobre o lócus da pesquisa, Tomé-Açu está localizado na região nordeste do Estado do Pará e apresenta uma população de 56.518 habitantes segundo o último Censo (IBGE, 2010). A heterogeneidade de sua população é reconhecida principalmente pelo processo migratório de pessoas vindas do Japão, tornando a cidade a terceira maior colônia japonesa do Brasil. Além dos nipônicos, historicamente os nordestinos também contribuíram para a formação e expansão do município.

Após decidir o lócus macro da pesquisa, o passo seguinte foi estabelecer contato com professores

lotados em escolas da localidade atuantes em turmas de EJA. O resultado da procura culminou com professores lotados em duas escolas, a saber: Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Anthodio Barbosa, localizada na zona urbana do município e Escola Municipal Damiana Monteiro Pinheiro, localizada na zona rural. De acordo com os dados da avaliação nacional Prova Brasil, a escola Anthodio Barbosa apresenta o Ideb (3,5) e atende alunos do ensino fundamental regular e da EJA até a 3ª etapa. Já a escola Damiana Pinheiro apresenta Ideb (3,9) com atendimento de turmas regular e EJA anos finais.

Em face do período pandêmico, a coleta foi por diversas vezes adiada. Assim, somente a partir do retorno das aulas presenciais no município é que houve condições de proceder à constituição da amostra. Desta forma, após contato prévio com pelo menos 22 professores da área, apenas dez educadores aceitaram participar da pesquisa. Aqueles que não aceitaram, justificaram a negativa pelo fato de não desejarem se expor, mesmo que tenha sido explicado que seria mantido o anonimato de todos os envolvidos.

Assim, após a dificuldade inicial em encontrar colaboradores, foi aplicado presencialmente a cada um dos seis professores, o questionário (impresso <sup>5</sup>) composto de seis perguntas, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 – Questionário

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual o seu nome completo, a sua área de formação (graduação) e seu tempo de serviço como professor?</li> <li>2. Você leciona em turma de EJA? Em caso positivo, em quantas turmas? Em qual ou quais etapas? Quantos alunos você tem em cada turma?</li> <li>3. Considerando sua experiência em sala de aula, qual o seu posicionamento em relação aos desvios ortográficos que os alunos apresentam na escrita dos textos solicitados como atividade?</li> <li>4. Você observa se os desvios que aparecem nos textos escritos também são produzidos por eles oralmente?</li> <li>5. Quais as suas estratégias para ajudar os seus alunos a sanar problemas de escrita?</li> <li>6. Você acredita que seus alunos sofrem algum tipo de preconceito linguístico no ambiente escolar?</li> </ol> |
|---|

Fonte: Elaborado pelo autor.

<sup>5</sup> Cada professor recebeu uma cópia impressa e, na presença do inquiridor, preencheu e devolveu o questionário no mesmo dia da coleta.

Como visto na Figura 1, o questionário elaborado visa coletar informações tanto sobre a formação dos professores-colaboradores e do tempo de serviço deles, quanto do enquadramento desses profissionais em turmas de EJA e quais estratégias são usadas em relação ao ensino da escrita desses alunos. Além de mencionar o preconceito linguístico. Após reunir as respostas dadas pelos entrevistados, elas foram organizadas para fins de análise. Ainda nesta etapa, foram solicitados aos professores textos dos alunos em que aparecessem desvios de ordem ortográfica. Os detalhes observados em cada resposta estão mais bem explicados na próxima seção.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a síntese dos resultados alcançados a partir das respostas de cada profissional entrevistado, e dos trechos dos textos produzidos pelos alunos. Para a análise foram considerados os pressupostos da sociolinguística conforme Labov (1968) e Bortoni-Ricardo (2015).

As respostas dadas pelos professores foram sintetizadas e ao longo da apresentação são descritas com o apoio de gráficos, e quando possível, de algum exemplo de fenômeno fonético observado na amostra retirada dos textos dos alunos.

Tendo em vista a primeira indagação feita aos professores relacionada ao tempo de serviço, vejamos o resultado no Gráfico 1 o qual mostra a distribuição desses dados.

**Quadro 1 - Perfil dos participantes**



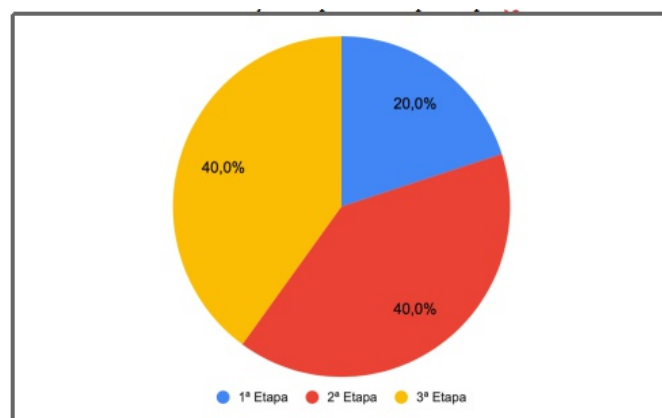
Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme mostra o Gráfico 1, em relação ao tempo de serviço dos 10 professores entrevistados 40% deles apresentam mais de dez anos de experiência na docência, enquanto 60% estão há menos de uma década no exercício da profissão.

O resultado disposto no Gráfico 1 evidencia um aspecto paralelo na concepção do que se entende por desvios linguísticos por parte dos professores, em especial, os profissionais de língua portuguesa, uma vez que os cursos de graduação em Letras passaram a adotar uma configuração mais aberta em relação à variação linguística especialmente a partir da segunda metade da década de 1990. Embora não seja um elemento condicionante da postura dos professores, esse fator pode implicar na formação e na concepção de linguagem assumida e adotada por eles em sala de aula (TRAVAGLIA, 1998), em que profissionais com mais de dez anos de atuação estariam mais propensos a assumir uma noção tradicional de língua, refletindo assim em sua prática em sala de aula.

Quando indagados acerca do fato de estarem lotados em turmas de EJA, todos os professores responderam que sim, com pelo menos duas turmas cada profissional. Além disso, contabilizaram uma média de 25 alunos por turma. Para exemplificar a etapa de cada turma, fizemos o Gráfico 2.

**Quadro 2 - Lotação dos professores por Etapas da EJA**



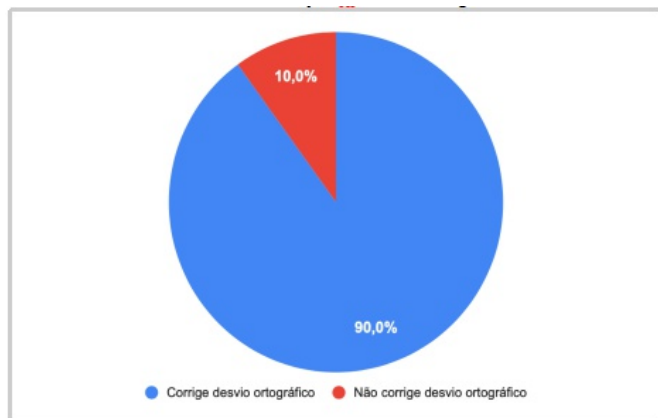
Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o Gráfico 2, os professores respondentes estão lotados em diferentes turmas e etapas da EJA. A maioria está lotada em turmas de 2ª e 3ª etapas com 40% das ocorrências. Em adição, 20% deles cumprem a carga horária em turma de 1ª

etapa todas do ensino fundamental <sup>6</sup>. Esse resultado é reflexo da escala de oferta das escolas em que os professores atuam que atendem turmas do fundamental.

O terceiro ponto abordado diz respeito ao fato de os professores efetuarem ou não correção de desvios ortográficos dos seus alunos. Quanto a esse fator, o Gráfico 3 mostra as respostas obtidas.

**Gráfico 3 - Correção de desvio ortográfico**



Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 3 ilustra os dados para a terceira pergunta que aborda o ponto de vista dos professores acerca da correção ou não dos desvios ortográficos cometidos pelos alunos. Sobre essa característica que envolve a concepção de linguagem dos professores, observamos que 90% deles efetuam correções, enquanto 10% não a realizam. Quando perguntados sobre os desvios mais comuns observados por eles, foram unânimes em apontar o apagamento do <r> final dos verbos. Assim, a apócope foi o metaplasmo mais produtivo da amostra analisada.

Durante o momento do preenchimento do questionário, alguns professores relataram que apesar de mostrarem aos alunos o exemplo de queda do <r>, os estudantes não conseguem fazer a relação do assunto quando vão produzir seus próprios textos. A Figura 2 exemplifica um dos textos com evidências desses apagamentos.

**Figura 2 - Apócope do <r> em coda silábica**

<sup>6</sup> Por tratar-se de escolas geridas pelo município apenas turmas do ensino fundamental foram listadas pelos professores.

Não resta dúvida que a justiça com as própria mão nunca será a solução para a população. Portanto, é necessário que o governo, juntamente com as mídias, comecem a programa publicidade, principalmente nos bairros de maior carência em informação, mostrando como a população deve procede diante de uma situação criminosa, contendo não só os números das entidades responsáveis que atuarão na situação, mas também informando sobre os direitos e deveres dos cidadãos para com a sociedade. Só assim conseguiremos reverte os dados de ingnorância e mortes nas ruas do Brasil.

Em um país onde a violência vem alcançando patamares assustadores e ganhando cada vez mais espaço nos noticiários, é até compreensível que a população reaja das mais diversas formas, tentando com isso se protege. Entretanto, mesmo que haja morosidade por parte do judiciário e falhas na segurança pública que precisam ser corrigidas, tomar decisões sem ser por vias legais, como a de fazer justiça com as próprias mãos, não é a solução para problemas que precisam ser combatidos de outras formas.

Fonte: Extraído do corpus.

Na Figura 2 é possível observar o apagamento do <r> final nos verbos: programar, proceder, reverter e proteger. Em diferentes partes do texto do aluno, o fenômeno ocorre de forma sistemática. Bagno (2007) relata que esse é um caso comum de metaplasmo na língua portuguesa. Do ponto de vista sociolinguístico, trata-se de variante coocorrente, já que não é possível que essa característica deixe de existir, pois ela marca o infinitivo dos verbos.

Ainda no mesmo texto, notamos a manifestação de um caso de nasalização na escrita da palavra ingnorância. Neste exemplo, vemos a transformação de um padrão sonoro oral em um nasal. Essa ocorrência revela um motivo de preconceito linguístico comum na modalidade oral da língua em que os falantes percebem a inserção de um elemento nasal fora do seu contexto usual. Essa produção, na maioria das comunidades, é tida como estigmatizada.

A quarta pergunta revelou uma unanimidade de respostas sim, isto é, 100% dos professores asseveraram que percebem os mesmos desvios ortográficos observados nos textos em falas de seus alunos.

Em relação à quinta pergunta, os professores relataram sobre as estratégias de observação dos desvios ortográficos e da proposição de atividade com vistas a propiciar a melhoria da escrita dos alunos. O Gráfico 4 ilustra essa relação.

**Gráfico 4 - Estratégias**





Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise do Gráfico 4 mostra que a atividade mais utilizada pelos docentes em relação aos desvios observados é a correção imediata com 66,7% das ocorrências. A segunda opção mais usada é correção tardia com 22,2% e 11,1% usam a atividade de reescrita.

Os dados do Gráfico 2 evidenciam como a maioria dos professores procedem à correção imediata quando percebem que seus alunos produzem desvios de ordem linguística. A correção imediata pode até mesmo provocar o recuo do aluno nas diferentes interações, pois quando elas ocorrem em nível oral, pode acontecer de o professor não respeitar a variedade linguística desse aluno, favorecendo situações que provocam o preconceito linguístico. Em nível escrito, por ser a correção individualizada, esse tipo de estratégia pode ser menos evasivo, desde que seja uma correção isenta e pontual.

O processo de reescrita como estratégia de ensino favorece o desempenho positivo dos alunos e a sua efetiva aprendizagem. No entanto, essa tarefa exige do professor tempo para correção e sugestão de revisão. Além disso, o aluno também precisa de tempo para amadurecer a sua escrita antes de se aventurar em uma nova produção.

No que tange à última pergunta, os professores foram unânimes em relatar que percebem o preconceito em torno das falas dos alunos da EJA, porém amenizam o processo relatando que os demais estudantes das escolas fazem em forma de brincadeira, o que torna tudo mais fácil de lidar.

Como visto, os fatores que mostram o preconceito linguístico em torno dos alunos da EJA não ocorrem apenas em nível oral. Em suas produções

escritas, os estudantes fazem transposições de sua variedade linguística, sobretudo no que concerne aos metaplasmos. Supressões, inserções, transposições de fonemas se manifestam também nos textos escritos por esses alunos. Por sua vez, os professores colaboradores da pesquisa assinalam que tentam amenizar o processo de preconceito fazendo usos de uma avaliação menos tradicional em relação a língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição deste estudo surgiu a partir da constatação de que os alunos da EJA estão suscetíveis ao preconceito linguístico. Embora os professores utilizem estratégias para evitar esse fenômeno, as produções orais e textuais de muitos desses estudantes são constantemente tidas como alvo de críticas e situações embaraçosas.

Nesse contexto, averiguou-se como os profissionais dessa modalidade de ensino lidam com as dificuldades de seus alunos e como esses educadores propõem estratégias baseadas na noção de língua, tendo como ponto de partida os aspectos da variação e mudança e as concepções de linguagem.

A seleção dos profissionais-colaboradores foi relativamente rápida, porém, um dos entraves e limitações da pesquisa consistiu na dificuldade de que esses professores aceitassem participar da pesquisa e respondessem ao questionário. Apesar dessa dificuldade inicial, coletamos os dados e empreendemos a sua análise.

Na análise, ficou comprovado que os professores percebem a variação linguística na fala de seus alunos, tentam ajudá-los, mas esta tem se mostrado uma tarefa difícil, uma vez que os estudantes concebem a escola como uma instituição que se preocupa em ensinar conteúdos que eles possivelmente não utilizarão em suas vidas cotidianas. Essa constatação, implica na direção contrária ao que é indicado nos documentos oficiais, a qual orienta que a variedade linguística seja trabalhada em sala de aula e as experiências culturais dos alunos sejam valorizadas.

Em síntese, do ponto de vista linguístico, os

fenômenos mais recorrentes foram: apócope do /r/ final, no caso dos verbos no infinitivo; alteamento vocálico da média [o] em coda silábica, além de ocorrências de apagamento em vocábulos com dígrafo.

Por fim, embora o período pandêmico tenha adiado a coleta dos dados, o que se mostrou como uma das limitações do trabalho, espera-se com este estudo que a descrição da comunidade de fala presente em duas unidades escolares de Tomé-Açu/PA, junte-se aos demais trabalhos dessa área e contribua com a descrição dos fatores linguísticos em relação ao ensino de língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**: Editora Liber Livros: Brasília, 2008. 68 p. (Série Pesquisa: Vol. 13)
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M.; MARUXO JÚNIOR, J. H. **Língua portuguesa**: linguagem e interação. São Paulo: Ática, 2016.
- INEP. **Censo Escolar**, 2021. Brasília: MEC, 2021.
- JANUZZI, Paulo.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherer, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2011.
- SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Revista presença pedagógica, V.9, n. 52. jul/ago. 2003.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1998.